

Número 3, Ano 2. Volume 2, pág. 133-145, Humaitá, AM, jul-dez 2009

DA IMPORTÂNCIA DA ATUAÇÃO DO SUPERVISOR PARA O SUCESSO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

*Jhonata Roger Benfica Batalha*¹
*Márcia Letícia Gomes Benfica*²

RESUMO: A atividade da supervisão escolar no contexto educacional reveste-se de importância à medida que o supervisor exerce a função de fomentar o processo de ensino-aprendizagem, buscando maneiras de agir junto aos professores no sentido de evidenciar possíveis falhas em tal processo e buscar, junto do corpo docente, soluções, alternativas para tais problemas. A supervisão atua em todas as modalidades de ensino, dentre elas o EJA – Educação de Jovens e Adultos, ação iniciada por Paulo Freire com vistas a proporcionar àqueles que não tiveram oportunidade de estudar na modalidade regular uma nova chance de realizar seus estudos e, conseqüentemente inserir-se no mundo letrado, no mundo do trabalho. Sabe-se que a educação de jovens e adultos difere do ensino regular, motivo pelo qual necessários se fazem métodos e estratégias específicos para tal finalidade, e, nessa senda, se insere a figura do supervisor, como aquele que incentivará o professor na busca de conhecimentos, no estudo, na pesquisa a fim de melhorar a qualidade do ensino e facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Com base nessas considerações o presente estudo dedicou-se a analisar a função do supervisor na educação de jovens e adultos, o que foi feito por meio de pesquisa bibliográfica.

Palavras-Chave: Supervisão escolar. Educação de jovens e adultos. Processo de ensino-aprendizagem.

THE IMPORTANCE OF THE SUPERVISOR WORK FOR THE SUCCESS OF YOUTH AND ADULT EDUCATION

ABSTRACT: The activity of the school supervision in the educational context is important whenever the supervisor becomes responsible for providing support to the teaching-learning process, trying different forms of working with teachers in order to emphasize possible faults in this process and seeking, with the teachers, solutions or alternatives to such problems. The supervision works in all forms of education, among them the Adult and Youth Education, an action initiated by Paulo Freire in order to provide a new chance to continue studying for those who had no opportunity to study in regular mode, and, therefore, have a chance to get into the literary and laboral world. We know that the Adult and Youth Education differs from regular education, so we need special methods and strategies for this specific purpose, and, in this way, the action of the supervisor, as the professional who will encourage the teacher to search knowledge, to study more, and to dedicate to the research in order to improve the quality of teaching and to facilitate the teaching-learning process. Based on these considerations, this study is devoted to examining the function of the supervisor in the Adult and Youth Education, which has been done through a bibliographical review.

Keywords: School supervision. Adult and Youth Education. The teaching-learning process.

¹ Licenciado em Pedagogia. Aluno do Curso de Formação Básica de Policiais Militares do estado de Rondônia.

² Licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Cacoal – UNESC, bacharel em Direito pela Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, especialista em Gramática Normativa da Língua Portuguesa pelas Faculdades Integradas de Cacoal – UNESC, Especialista em Didática do Ensino Superior pela Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal – FACIMED, mestranda em Letras pela Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR e Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal de Rondônia – IFRO.

1 INTRODUÇÃO

A educação de jovens e adultos no Brasil, em seu percurso histórico, demonstra diferentes fases do pensamento social, o que evidencia o vínculo indissolúvel entre educação e sociedade.

Nesse sentido tem-se que em dado momento histórico-social percebeu-se a importância e necessidade de que àquelas pessoas que não tiveram oportunidade de estudar em momento adequado fosse dada uma nova chance, daí a concepção de EJA – Educação de Jovens e Adultos.

Conjuntamente a isso se passou a perceber muito difícil a vida em sociedade para os que não tinham domínio dos processos de leitura e escrita. Diante disso a necessidade de alfabetizar os adultos que não haviam passado por tal processo em momento oportuno e, com esse propósito, a educação de jovens e adultos.

Sabe-se que o caminho trilhado para que se chegasse à educação de jovens e adultos foi tortuoso e repleto de obstáculos e, para que se tornasse realidade, foi necessário o envolvimento de muitos em tal tarefa.

Ainda hoje se constata dificuldades na educação de jovens e adultos em virtude da peculiaridade de tal modalidade de ensino, motivo pelo qual necessário se faz o trabalho de uma equipe entrosada e eficiente que partilhe metas.

Um dos membros integrantes e essenciais da educação de jovens e adultos consiste no supervisor, como aquela figura que trabalha juntamente com o professor na busca de alternativas para a inserção de mais e mais indivíduos no mundo das letras.

Nesse pensar desenvolveu-se o presente artigo com o escopo de avaliar a importância do supervisor na educação de jovens e adultos, o que foi realizado mediante pesquisa bibliográfica.

2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A história da educação de jovens e adultos no Brasil, na condição de política educacional, data dos anos 40, no entanto, conforme expõe Medeiros (2005) sua popularização só viria a ocorrer no início dos anos 60, quando o trabalho de Paulo Freire passou a direcionar diversas experiências de educação de adultos organizadas por distintos atores, com graus variados de ligação com o aparato governamental.

Foi o caso dos programas do Movimento de Educação de Base (MEB), do Movimento de Cultura Popular do Recife, ambos iniciados em 1961, dos Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes, entre outras iniciativas de caráter regional ou local. Embaladas pelas intensas atividades políticas e culturais do período, essas experiências evoluíram no sentido da organização de grupos populares articulados a sindicatos e outros movimentos sociais. Tais movimentações evidenciavam a necessidade de realizar uma educação de adultos crítica, voltada para a transformação social e não apenas para a adaptação da população a processos de modernização conduzidos por forças exógenas (PIERRO, JOIA & RIBEIRO, 2001).

No referido período, pensava-se uma educação baseada no diálogo e que visse o educando adulto como sujeito de sua aprendizagem. E, com esse pensamento, em 1964, o Ministério da Educação organizou o último dos programas de corte nacional desse ciclo, o Programa Nacional de Alfabetização de Adultos, cujo planejamento incorporou largamente as orientações de Paulo Freire. Essa e outras experiências acabaram por

desaparecer ou desestruturar-se sob a violenta repressão dos governos do ciclo militar iniciado naquele mesmo ano (RIBEIRO, 1999).

Importante evidenciar que o público da Educação de Jovens e Adultos, em sua maioria, já passou pela escola e, por motivos diversos, não concluiu os estudos. Nesse sentido Ribeiro (1999, p. 36) ensina que “No público que frequenta os programas de educação de jovens e adultos, é cada vez mais reduzido o número daqueles que não tiveram nenhuma passagem anterior pela escola”.

Ante o exposto tem-se que a maioria dos alunos da educação de jovens e adultos já frequentou a escola, mas as condições de vida não permitiram que dessem continuidade à educação escolar.

Importante, nesse ponto, salientar que “Para participar politicamente de uma sociedade complexa como a nossa, é preciso dominar instrumentos da cultura letrada” (RIBEIRO, 1999, p. 39).

Assim, se a participação política requer o conhecimento sistematizado na escola, os indivíduos sentiram necessidade de iniciar ou retornar aos bancos escolares a fim de obter os instrumentos necessários que lhes permitissem tal participação.

Vale dizer que o interesse em estudar não é apenas do adulto que não concluiu os estudos, mas da própria sociedade, ora:

O educando adulto é antes de tudo um membro atuante da sociedade. Não apenas por ser um trabalhador, e sim pelo conjunto de ações que exerce sobre um círculo de existência. O adulto analfabeto é um elemento frequentemente de alta influência na comunidade. Por isso é que se faz tão imperioso e lucrativo instruí-lo (PINTO, 1989, p. 83).

Se esses indivíduos que não são escolarizados têm influência no meio social e para aumentar sua participação no mesmo necessitam de tal educação

isso não é apenas interesse dos mesmos, mas do grupo que sofre tal influência e se beneficia ou não dela.

Na esteira desse pensamento:

Jovens e adultos com pouca ou nenhuma escolaridade anterior detem uma grande quantidade de conhecimento sobre fenômenos naturais e sobre a dinâmica social, econômica, política e cultural do mundo contemporâneo. Elaboraram esses conhecimentos ao longo de suas experiências de vida e trabalho, tendo já desenvolvido estratégias que orientam suas condutas e hipóteses interpretativas relacionadas aos mais diferentes aspectos da realidade. Suas vivências são também enriquecidas continuamente pelos meios de comunicação de massa, que torna acessível uma infinidade de informações sobre fatos não imediatos à sua experiência. Com o acesso a novas informações e vivenciando novas experiências, os jovens e adultos podem ir constantemente modificando a compreensão que tem do mundo à sua volta (RIBEIRO, 1999, p. 167)

Não há que se pensar, portanto, que o fato de não ter concluído os estudos escolares impossibilita a esses indivíduos a aquisição de conhecimentos e habilidades. A inserção e a atuação no meio social dotam a pessoa de diversos conhecimentos e, se a mesma sente a necessidade de frequentar a escola isso se faz no sentido de aliar os dois conhecimentos, a saber: o conhecimento de mundo e o conhecimento sistematizado disponível na instituição escolar, uma vez que um não substitui o outro.

No dizer de Ribeiro (1999, p. 38): “Trabalhadores com capacidade de resolver problemas e aprender continuamente têm mais condições de trabalhar com eficiência e negociar sua participação na distribuição das riquezas produzidas”.

Evidente, em tal fala, o caráter social da educação de jovens e adultos.

Noutro dizer:

Entendida como um campo vasto, pela perspectiva contemporânea do aprender por toda a vida, a educação de jovens e adultos não despreza o sentido da escolarização, que inclui a alfabetização, por

não ser ela ainda direito de grandes contingentes populacionais, assim como a entende e a considera insuficiente, defendendo a educação básica, que no Brasil só está garantida como dever do Estado e direito do cidadão até o nível do ensino fundamental (OLIVEIRA & PAIVA, 2004, p. 08).

Ainda no entendimento de Oliveira & Paiva (2004) não se pensa mais ser possível realizar a educação de jovens e adultos em meses, pensa-se atualmente em tal modalidade de educação como um processo prolongado e contínuo que poderá ter a alfabetização como primeira etapa, mas vinculada a uma outra etapa a fim de que seja proporcionado ao adulto que não frequentou o espaço escolar a possibilidade de concluir, ao menos, o ensino fundamental. Nesse sentido, o direito à educação, anteriormente negado ou mal garantido, teria a possibilidade de reparação.

3 ATUAÇÃO DO SUPERVISOR ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Diante das informações até então expostas tem-se que a educação de jovens e adultos não pode ser equiparada à modalidade regular, uma vez que consta de características específicas, especialmente relacionadas ao público que frequenta tal modalidade.

Nesse sentido, nem sempre ficam claras para o professor as formas diferentes de abordagem que ali devem ser exercitadas, sob pena de promover práticas inócuas para aqueles alunos.

Dessa forma, evidencia-se a função do supervisor na educação de jovens e adultos como aquela figura que trabalhará juntamente com o professor na busca de estratégias e práticas que permitam o desenvolvimento da educação da melhor maneira possível.

Diante disso, ao supervisor cabe atuar no sentido de:

Possibilitar aos professores que atuam na educação de jovens e adultos a compreensão da importância do uso de instrumentos que

os auxiliem em sua prática de sala de aula e dêem suporte ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem (BRASIL, 1999, p. 41)

No dizer de Pinto (1989) a preparação do educador é permanente e não consiste em uma aquisição em ato isolado, a preparação do educador é fortalecida pelo encontro de consciências livres, a dos educadores entre si e as destes com os educandos.

Assim, tem-se que a educação é um processo em que não há quem saiba mais ou possa mais, a atividade deve ser conjunta e integrada, permitindo que os educadores relacionem-se entre si e, ainda, relacionem-se com os educandos.

Desse modo, os alunos envolvidos no processo educacional não podem ser reduzidos a modelos abstratamente concebidos que não levem em consideração a possibilidade concreta de interação, de diálogo e de participação com a esfera dos diferentes valores culturais da sociedade em que estejam inseridos (PICONEZ, 2002, p. 44).

Em sua afirmação, Piconez atenta para o fato de que o aluno tem uma cultura, tem saberes sociais que não podem ser ignorados no processo educativo intraescolar, necessária se faz a troca dos saberes no sentido de ampliar o alcance da educação.

Educar jovens e adultos, em última instância, não se restringe a tratar de conteúdos intelectuais, mas implica lidar com valores, com formas de respeitar e reconhecer as diferenças e os iguais. E isso se faz desde o lugar que passa a ocupar nas políticas públicas. De nada adianta impor conteúdos se não se sabe que eles são bens produzidos por todos os homens, que a eles têm direito e devem poder usufruí-los. Nenhuma aprendizagem, portanto, pode se fazer destituída do sentido ético, humano e solidário que justifica a condição de seres humanizados providos de inteligência (OLIVEIRA & PAIVA, 2004, p. 42).

Há que se entender, nesse momento, que os alunos que frequentam a educação de jovens e adultos são pessoas com experiência e participação ativa em situações sociais, tal fator não pode ser descartado. Para essas pessoas a imposição de conteúdos que não se relacionem com a realidade por elas

vivenciada parecerá distante e não lhes despertará interesse, não será estimulante.

A prática pedagógica é contraditória. É duplamente contraditória porque ela supõe que quem ensina sabe, quando não sabe e quem aprende não sabe, quando, na verdade, sabe. Essa é a contradição da pedagogia. Os erros que o educador comete só criticamente podem ser chamados de erros e tem que se verificar até que ponto é ele o autor desses erros (PINTO, 1989, p. 24).

Ante tal perspectiva, forçoso observar que o professor não deve se posicionar como sabedor, conhecedor de todas as respostas, desprezando o conhecimento do aluno; pelo contrário, a riqueza de experiências dos alunos da educação de jovens e adultos, caso haja abertura para tal por parte do educador, pode tornar as aulas mais estimulantes, proporcionando a troca de informações e multiplicação do conhecimento.

Piconez (2002) afirma que na dimensão da formação de professores, a análise da prática pedagógica permitiu-lhe vislumbrar a harmonização entre os conteúdos e metodologia empregada para trabalhá-los às necessidades, expectativas e conhecimento prévio dos alunos. Veja-se:

[...] podemos destacar a aproximação e o entendimento da relação entre conhecimentos prévios dos jovens e adultos com os conhecimentos e registros formais da educação escolar / - daí a preocupação com a seleção de conteúdos prévios, a utilização de recursos didáticos, o paradigma necessário para avaliação etc. (PICONEZ, 2002, p. 92).

Ainda para Piconez (2002) é preciso reconhecer que os diferentes alunos poderão responder de formas diferentes a determinada situação de aprendizagem e, com relação a isso, o educador de jovens e adultos precisa ter consciência de tais fatores e das implicações que terão para os alunos com diferentes estilos de aprendizagem, isto é, o educador deverá organizar o seu trabalho pedagógico pensando no público a que se destina, na diferença entre esses alunos e na peculiaridade daquela situação de aprendizagem.

Ao longo dos últimos anos, foi-se configurando um novo sujeito social: a juventude. Atualmente, é necessário atender de maneiras diferentes aos adultos e aos jovens. Ambos têm expectativas e aspirações quanto à educação. Embora seja claro que educação de jovens e adultos tem uma dupla função, de formar para cidadania e de preparar para o mundo do trabalho, essas funções se apresentam de modos diversos para os jovens e para os adultos. As escolas não estão preparadas para trabalhar com essas diferenças. Aliás, ainda reproduzem tanto nos cursos regulares noturnos, quanto nos supletivos, as mesmas práticas e as mesmas normas usadas com crianças (OLIVEIRA & PAIVA, 2004, p. 27).

O pensamento acima exposto evidencia que a educação de jovens e adultos consiste em modalidade específica de ensino, devendo ser considerada enquanto tal, ou seja, não se deve pautar a prática pedagógica em uma equiparação entre educação de jovens e adultos e ensino regular.

Como essas considerações nem sempre estarão inseridas no pensamento de todos os atores envolvidos, necessário se faz que o supervisor escolar seja o mediador ou portador dessa realidade, isto é, ao supervisor cabe, na educação de jovens e adultos, acompanhar a atuação do professor no sentido de envolvê-lo naquela realidade específica e fazer com que o mesmo volte seu olhar para as diferenças.

O educador tem de considerar o educando como um ser pensante. É um portador de ideias e um produtor de ideias, dotado frequentemente de alta capacidade intelectual, que se revela espontaneamente em sua conversação, em sua crítica aos fatos, em sua literatura oral (PINTO, p. 83).

Assim, ao supervisor são atribuídas funções específicas na modalidade de ensino ora estudada, isso porque quando da dificuldade enfrentada pelo professor no ensino de jovens e adultos, o mesmo deverá ter o amparo do supervisor, orientando-o em sua prática e trabalhando conjuntamente na busca de metodologias e estratégias que lhe permitam solucionar os problemas porventura surgidos. Para Pinto (1989, p. 25): “Toda transformação sociológica é fonte de modificações pedagógicas”.

Assim, se a educação escolar quiser fazer a diferença na vida desses alunos será necessário se voltar para a realidade dos mesmos, trazendo para o âmbito da discussão em sala de aula, assuntos e práticas comuns ao adulto e que tornarão, para ele, a aprendizagem estimulante e compensadora.

Vale ressaltar, ainda, que:

A educação é um fenômeno cultural. Não somente os conhecimentos, experiências, usos, crenças, valores, etc. A transmitir ao indivíduo, mas também os métodos utilizados pela totalidade social para exercer sua ação educativa são partes do fundo cultural da comunidade e dependem do grau de seu desenvolvimento. Em outras palavras, a educação é a transmissão integrada da cultura em todos os seus aspectos, segundo os moldes e pelos meios que a própria cultura existente possibilita. O método pedagógico é função da cultura existente. O saber é o conjunto dos dados da cultura que se tem tornado socialmente conscientes e que a sociedade é capaz de expressar pela linguagem (PINTO, 1989, p, 31).

Considerando a educação como elemento da cultura e situação moldada por tal cultura há que se considerar, conforme Pinto (1989), o educando como sujeito da educação, que precisa do professor como mediador do processo, que é muito mais amplo que as práticas em sala de aula, uma vez que envolve toda a sociedade em seu desenvolvimento, construção e interação de todos os indivíduos.

Do exposto tem-se evidenciadas as características singulares da educação de jovens e adultos, as quais requerem do professor um posicionamento especificamente voltado para aquela realidade, o que equivale a dizer que este professor precisa ser bem orientado, e aí consiste uma das mais importantes funções do supervisor escolar.

Vale dizer, por oportuno, que nem sempre a formação de professores favorece esse olhar diferenciado para as diversas situações de aprendizagem e, em assim sendo, não são todos os profissionais que reconhecem a necessidade de postura diferenciada na educação de jovens e adultos. Há aqueles, ainda,

que reconhecem a necessidade sem, no entanto, saber como supri-la. Nesse sentido a formação continuada se faz necessária.

Nesse aspecto a função do supervisor como profissional responsável por elaborar e implementar projetos de formação continuada reveste-se de especial importância, ao passo que será ele a proporcionar a atualização e a integração do professor ao ambiente específico da educação de jovens e adultos, desenvolvendo um olhar mais atento para as condições desse tipo de educação e mediando essa relação entre o professor e o aluno adulto de modo a proporcionar aprendizagem significativa para estes últimos (FERREIRA, 2008).

4 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo permitiu um olhar mais acentuado a respeito da educação de jovens e adultos, especialmente em relação à ação do supervisor em tal segmento de ensino.

Na atualidade, a função do supervisor consiste em promover melhorias no ensino-aprendizagem em todas as modalidades de ensino, atuando junto aos professores no sentido de melhorar o desempenho dos mesmos com vistas ao sucesso do aluno, em uma atividade cooperativa e integrada entre equipe pedagógico-administrativa e corpo docente da instituição escolar.

É fato que algumas instituições de ensino oferecem a educação de jovens e adultos – destinada àqueles que não frequentaram o ensino regular em momento adequado, por diversos motivos. Tal informação, por si, já evidencia as características específicas da educação de jovens e adultos, ou seja, faixa etária dos alunos, trabalho do aluno, fase do desenvolvimento humano, participação social, dentre outros, o que requer currículo e metodologias adequadas a essa clientela, além de profissionais com formação e capacitação específicas.

Nesse sentido, foi analisado o aspecto histórico da educação de jovens e adultos, o que permitiu observar que a mesma foi iniciada no intuito de proporcionar a inserção de todos os indivíduos no mundo letrado, oferecendo-lhes condições de entrar e competir no mercado de trabalho.

A análise das características gerais da educação de jovens e adultos possibilitou que se identificassem as peculiaridades que a diferem do ensino regular, como as acima expostas e, portanto, a necessidade que têm os profissionais que atuam nesse segmento, de aprimorarem cotidianamente seu trabalho, com vistas a promover educação de qualidade aos adultos que frequentam essa modalidade de ensino.

Considerando a caracterização e funções do supervisor e, ainda, o desenvolvimento histórico e particularidades da educação de jovens e adultos passou-se a relacionar a ação do supervisor com a educação de jovens e adultos, salientando o papel primordial desse profissional no contexto em que atua.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Educação de jovens e adultos** – parâmetros em ação. Secretaria de Educação Fundamental. Programa de desenvolvimento profissional continuado / Ministério da Educação. Brasília: A Secretaria, 1999.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto (org.). **Supervisão educacional para uma escola de qualidade**: da formação à ação. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

HAMZE, Amélia. **A educação de jovens e adultos**. Disponível em <<http://www.educador.brasilecola.com/trabalho-docente/a-educacao-de-jovens-adultos.htm>> Acesso em 13-05-2009 às 00h15min.

MEDEIROS, Maria das Neves. **A educação de jovens e adultos como expressão da educação popular**: a contribuição do pensamento de Paulo Freire. Disponível em <http://www.paulofreire.org.br/pdf/comunicacoes_orais/> Acesso em 13-05-2009 às 00h23min.



PICONEZ, Stela C. Bertholo. **Educação escolar de jovens e adultos**. Campinas: Papirus, 2002.

PIERRO, Maria Clara di; JOIA, Orlando & RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cad. CEDES**. Vol. 21. Campinas – SP. Novembro/2001.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de & PAIVA, Jane (orgs.). **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão. **Educação para jovens e adultos – ensino fundamental: proposta curricular – 1 segmento**. 3 ed. São Paulo: Brasília, 1999.

Recebido em 1/4/2009. Aceito em 1/7/2009.